

Una[s]+ : mulheres na arte contemporânea

Part. Maria Arlete Gonçalves



Microfone Aberto: transcrição do episódio com Maria Arlete Gonçalves

Eu sou Maria Arlete Gonçalves, jornalista, e que há mais de vinte anos escolhi a Cultura como meu principal campo de atuação. Não só na arte, como na vida. Sou uma pessoa movida a desafios sempre. Paixões, desafios e causas sempre, e isso é uma característica do meu trabalho. Estabelecer conexões e propor novos olhares e novos passos em direção a uma nova construção. Uma construção paralela ao tempo, ou um pouquinho adiante do tempo, que é o que arte faz. A arte antevê, vê antes.

Bom, como eu falei, sou uma pessoa movida a desafios, paixões e, talvez, o maior desafio profissional que eu tive foi com o próprio Oi Futuro. Foi a criação do Oi Futuro como um instituto de responsabilidade social, que atuava em três vertentes: a Educação, a Cultura e a Transformação Social. Através de projetos que gerassem novas formas de gerar desenvolvimento. Durante treze anos, fui diretora de Cultura do Oi Futuro e curadora geral do que acontecia lá, em todos os campos e em todas as linguagens artísticas, como a convergência de linguagens. Agora, menos de dez anos depois, tenho esse outro desafio no próprio espaço do Oi Futuro, que é realizar a exposição, e essa grande proposta de parceria internacional na América Latina, de mulheres na América Latina que chama Una[s]+, e realizar isso, nada mais, nada menos, em plena pandemia.

O Oi Futuro, para mim, sempre foi um campo de experimentação do novo, mas eu nunca tinha estado tão dentro do olho do furacão. É como se agente colocasse a arte como espinha dorsal, como ponto estático e firme no olho do furacão. Dizem que o olho do furacão é o lugar do equilíbrio. Então, é onde “Una[s]+” está fincada nesse tempo da pandemia.

Em espanhol, “Una” quer dizer “qualquer uma”, “aquelazinha”. É uma forma de se referir à mulher, de forma indeterminada. Mas, ao mesmo tempo, é Uma, é singular, mas que pode ser plural, e aí a gente põe o “s” grande, e o que a gente quer é Mais. Em português, “Una” é um chamado a unir, a juntar. Então foi assim que a gente criou essa equação “Una[s]+”. Na verdade, “Una[s]+” é a versão criada, expandida e potente de uma exposição que foi realizada em 2018, em Buenos Aires, a partir da proposta da artista Ileana Hochmann que, ao fazer uma exposição chamada “Fiz das tripas, corazón”, numa galeria, convidou, então, outras artistas brasileiras e

argentinas para participar dessa exposição, através desse fio invisível único que une as mulheres e as artistas e as linguagens e as gerações. Como eu sou movida a desafios - essa exposição eu colaborei como cocuradoria na exposição da Argentina - eu pensei, então, sobre outra questão que vem, há tempos, me incomodando. O que fazer diante desta questão que ainda nós convivemos num mundo contemporâneo? Que é a grande dívida da História da Arte para com as mulheres. Então eu pensei na expansão de “Una[s]+”, como forma de uma exposição que mostrasse o poder da mulher latino-americana na arte, a partir dessas artistas. Eu ampliei o número de artistas, convidei mais artistas. São quinze artistas de diferentes gerações, de diferentes linguagens, com coragem para romper as suas limitações estéticas. “Una[s]+” veio para isso. Vem para mostrar o poder feminino na arte. Para contribuir para a equidade nesse campo, porque apesar de muitas lutas e muitos avanços, as mulheres, no campo das artes visuais, ainda têm um caminho a percorrer. “Una[s]+” veio para desconhecer esse caminho. Desconhece o caminho antigo e propõe agora, quando a gente está indo para a terceira década do século XXI, nós não podemos carregar essa dívida para a frente.

“Una[s]+” estava prevista para maio de 2020. No início do ano, eu tinha acabado as visitas aos ateliês das artistas aqui do Brasil, aqui do Rio, e fui para Buenos Aires, onde estive com cada uma das artistas, nos seus ateliês, e comecei a fazer novas seleções sobre os trabalhos, e a definição da exposição, que ocuparia a maior galeria do Oi Futuro. De volta ao Brasil, no final de fevereiro, eu já comecei a ver as pessoas de máscara no avião e, quando eu desembarquei no Rio, apareceu pela primeira vez essa palavra “pandemia”. E que tudo ficou fora do lugar, inclusive, a nossa exposição. A exposição, que estava marcada para março seria em setembro; aí ganhamos um pouco mais de tempo. Mas, aí, tivemos que criar novas formas de manter todo o processo da exposição em andamento e, para isso, contamos basicamente, com as redes sociais, reuniões intermediadas pela produtora, na Argentina, com cada artista, pensando e repensando nos projetos e as obras e tudo o mais, e mantendo o diálogo durante aquele período que nós não sabíamos quanto tempo iria demorar.

Eu abri um grupo do WhatsApp com todas as artistas e produtoras. Estava trabalhando só com mulheres, inicialmente, mas depois tivemos poucas, mas importantes colaborações masculinas, diga-se de passagem. Mas, para manter, também, a moral e o interesse, a conversa e os diálogos do grupo. Então, as redes foram muito importantes. E, ao mesmo tempo, eu comecei a acompanhar alguns trabalhos de algumas artistas, que estavam confinadas, mas, motivadas pela exposição, começaram a criar. Até que o Roberto [Guimarães], numa reunião comigo, me pediu que pensasse na exposição, não mais em uma galeria apenas, mas que ocupasse todo o prédio do Oi Futuro. Ela iria para novembro. Eu sabia que teria grandes desafios. O Brasil, o mundo em pandemia, fornecedores e complicações, mas, ao mesmo tempo, isso veio ao encontro daquilo que eu já estava sentindo, porque as artistas começaram a produzir intensamente, de forma muitíssimo interessante, confinadas em seus ateliês, e lançando mão de novas linguagens e novas possibilidades. Nesse campo, o celular foi o maior instrumento usado durante a pandemia. Tudo ali. As artistas começaram a experimentar. Artistas gravuristas, ceramistas. Algumas nunca tinham pensado em usar o celular

como câmera. Outras não; já vinham desenvolvendo um trabalho, e aí a coisa se intensificou. Então, eu pensei que a gente não poderia deixar de fora, no espaço da pandemia, não apenas pela proposta de ocupação do espaço inteiro, mas pelo atravessamento estético, artístico, sensível, comportamental total desse período único da nossa História.

A exposição cresce de forma absurda, e a dificuldade depois foi a seleção de obras, de tanta qualidade. Nem todas as artistas – cada uma vivendo seus dramas pessoais, a pandemia chegou e mudou tudo, então propôs, também, novas atribuições. As mulheres passaram a cuidar da família, cuidar um do outro. Nesse sentido, eu acho que a pandemia é feminina, levou todo mundo para dentro de casa. A atividade doméstica, que sempre se atribuiu à mulher, de repente, a mulher dentro desse espaço nem reconhece mais porque a mulher já esteve em outro espaço. A recuperação do campo feminino, da casa, do corpo, e tudo isso um manancial quase inesgotável de trabalho. Foi difícil escolher. Mas, realmente, eu acho que a mulher é demais. Mesmo nos momentos mais difíceis, elas vão à luta.

Tudo esteve e está em estado pandêmico de arte. Tudo comprometido. A gente teve que repensar absolutamente em tudo da exposição. Agora, a gente sabia que a exposição iria para janeiro. A terceira vez que ela era adiada. Tempo de muitas restrições sanitárias, ainda em confinamento, isolamento, mantidos todos os protocolos, mas em plena pandemia. Toda a parte de produção, de construção desse espaço, de reconfiguração do Oi Futuro, porque agora se tratava também de você criar um envolvimento, já que o toque, o pegar, a interatividade nas obras não estava permitindo o uso das mãos. Então, como montar uma exposição em plena pandemia internacional, com dificuldade de transporte de obras, com maneiras, principalmente, de envolver sensorialmente o público visitante? Esse era o nosso desafio. Uma das artistas especialmente convidadas por nós foi a Bia Junqueira. A Bia é uma cenógrafa, mas, para além de cenógrafa, é uma artista visual também. Então, eu pedi à Bia que desenvolvesse alguma coisa que abraçasse essa exposição, de uma forma orgânica, numa grande instalação que abrigasse todas as obras e dialogasse com elas, e que fosse para todo o Oi Futuro. A Bia criou uma trama. É uma teia que vem da rua, do metal trançado. É uma rede que vai para o teto, e essa rede começa entrando cinza e penetra no espaço, entra pela primeira galeria, sai, ganha organicidade, entra o vermelho do filó, que é o orgânico, vital, sangue, feminino, e vai subindo pelas escadas, explode em vermelho no teto da galeria 2, onde estão as obras das trajetórias dos artistas; sai desta explosão, caminha até a galeria 3, e continua subindo até o teto do Oi Futuro. Plásticos inflados também que se mexem numa referência à necessidade de ar, de respirar, de espalhar e de criar um novo tempo de vida. Esse é o impacto que se tem, logo de cara, quando a pessoa entra, e essa é a ideia também de tempo. E é assim, logo na entrada, naquele grande painel luminoso que tem no Oi Futuro, a ideia é estampar ali, e foi assim que foi feito, o nome, o rosto e a obra de cada Uma das Unas, para que as pessoas possam conhecer, dar representatividade. Logo de cara, o público já percebe que é uma ação de dar poder a essas mulheres, mostrar quem é o poder na arte feminina, valorizar o nome, a obra de cada uma. E, aí, o público vai seguindo para a primeira galeria, que são os trabalhos na pandemia, e que tudo sai fora do lugar. A própria configuração do espaço, a gente caminhou por desconhecer as paredes como suporte físico. Já que a pandemia tirou tudo do lugar, a exposição

também representa isso. As fotos não têm molduras, as obras voam no espaço, e os monitores, ou estão suspensos ou estão no chão. A parede serve apenas para exibição, não como suporte físico, mas como suporte volátil de projeções e informações, e o público ali é envolvido por obras produzidas sobre o impacto desse momento único que a agente viveu da pandemia. Algumas foram produzidas em outro momento, mas são identificadas pelas artistas como obras que elas teriam que fazer novamente, como as obras da violência doméstica, da Ana Carolina. Ali você tem os gritos, o espaço confinado nas fotos da Patricia Ackerman; a busca da ancestralidade, pela Ileana Hochmann, com o celular voltado para si mesma - ela expande essa busca para esse tempo agora, e fotografa seu corpo nu, com coragem para mostrar que o corpo tem toda a sua sabedoria e sua estética em qualquer tempo em que ele é mostrado. Os órgãos, tecidos, o trabalho da Regina de Paula, as vozes que vêm do isolamento na videoarte, os espaços vazios, uma língua que ninguém conhece para expressar os sentimentos do mundo. A fotografia experimental, que mostra paisagens dentro de um plástico fechado. A violência doméstica está ali. E tem a foto da esperança de uma vida que nasce em plena pandemia.

A exposição original acontece no quinto andar, com algumas obras que fizeram parte da primeira exposição em Buenos Aires. Na pandemia, praticamente, todas as obras são inéditas. O visitante vai penetrando nesses mundos do profundo feminino. Antes, durante e, apontando para depois. Saindo do espaço da pandemia e seguindo essa onda, que vai até o teto, que ganha um vermelho, uma organicidade, que é um vermelho como se fosse uma veia de sangue, e ela sobe até a segunda galeria, que explode em vermelho no teto, criando um espaço para o profundo feminino. Esse foi o conceito buscado na seleção das obras escolhidas das trajetórias individuais de cada artista, antes da pandemia. Esses trabalhos estão situados nessa segunda galeria. Nessa galeria de trajetória, o trabalho inicial é o que deu origem a todo esse processo. É a instalação "Fiz das tripas corazón", de Ileana Hochmann, em torno da qual foi feita a exposição em Buenos Aires, e é a que a gente traz aqui. Essa instalação em torno desse tríptico, criado de uma performance de Ileana, que fez para a reconfiguração do nascimento da filha, num momento dramático, quase quarenta anos depois, a partir de uma foto feita nos anos setenta. Então, é uma foto preto e branco, dos anos setenta, que atravessa o tempo, a artista faz a performance, exhibe em Buenos Aires, e a gente traz aqui para o Rio, cria mais camadas de transparências para que o público possa se inebriar dessa energia desse trabalho original. Então, lá está o manto, as fotos trabalhadas e reproduzidas em tubos. A Ileana também apresenta um trabalho dos vestidos violentados, o vestido de uma noiva num fundo profundamente vermelho. É um trabalho sobre a violência. Bem, nesse espaço você mergulha em obras escolhidas de cada uma, as últimas palavras de amor, a mulher representada pela própria mulher na fotografia. Isso é muito importante porque a mulher sempre foi representada pelo homem na História da Arte; agora a mulher assume esse papel de representar a si mesma. Os objetos domésticos hoje reconfigurados, ontem e hoje, a violência doméstica, a ressignificação e posse do território do Brasil num trabalho feito de reencontro com a terra com os índios da Aldeia Maracanã, e um trabalho produzido durante a gestação, que o público pode pegar. Em tudo ali, em todos os trabalhos, no cianótico do próprio corpo, no tear das últimas palavras de amor, todos os trabalhos

ali tratam desse profundo feminino. Esse espaço vai para outra galeria também, onde a gente tem obras de forte impacto político, social e emocional e, também, obras que nos situam dentro do espaço e do tempo em que a gente vive hoje.

Em todo esse universo, que continua atravessado pela pandemia e sobe até o Bistrô, abandonado pelo lockdown, onde a gente apresenta as performances que abriram. Em tudo isso, a gente respira o novo, tanto nos trabalhos criados sobre o sufoco do Covid, e elas mesmo infectadas, longe dos seus ateliês, artistas que tiveram a coragem de se expor e expor novas técnicas e novas linguagens para mostrar novas lições do mundo. Eu acho que a pandemia trouxe também um crescimento muito grande, em termos de até onde pode ir a arte. Eu acho que novos caminhos também. A exposição tem sido visitada, ela tem formas de acesso, em todos os vídeos a gente tenta dar fones de ouvido para que as pessoas possam ter o conteúdo. Eles têm aquele protetor auricular, mas, ao mesmo tempo, a gente põe QR Code em todas as obras, para que as pessoas possam baixar no YouTube e ter acesso a tudo. Outra coisa incrível desse envolvimento total do edifício do Oi Futuro: quem não segue a linha da superinstalação, a teia, a teia orgânica, vital, e que se espalha pelas escadas e galerias, tem um pouco da ideia da pandemia dentro dos elevadores, onde a gente criou um trabalho de muschap, recortes das músicas apontadas pelas artistas que acompanharam durante a pandemia, nos seus processos de criação. Foi feito um muschap, e é uma brincadeira interessante de identificar cada música. Como o Gilberto Gil diz que a música é a única arte que te pega pelas costas; também na pandemia, a música acompanhou muito o trabalho de criação, e é companhia na solidão.

“Una(s)+” é um caminho para promover, fortalecer a representatividade das mulheres na arte. A gente acredita que essa é a forma de ter um lugar que lhe é devido, é ocupar. Ocupar, ocupar, ocupar. Ocupar os espaços da arte, os conhecidos, os institucionais e os novos espaços também. Estabelecer pontes. “Una(s)+” traz algumas respostas na sua exposição. Que é estabelecer pontes, processos colaborativos que fortaleçam a representatividade da mulher como um todo, sem barreiras geográficas, barreiras de linguagem geográficas, tecnológicas. É pegar com garra e fazer, como essas mulheres, essas quinze artistas, que produziram essas quase cem obras de arte que estão no Oi Futuro. Se unir em coletivos. A gente apresenta dois coletivos, um brasileiro e um argentino, comandado por artistas – aqui do Brasil, pela Denise Cathilina. E a equipe, que é muito grande, esses coletivos que fomentam a criação artística mesmo nesses tempos bicudos, esses tempos sombrios, mostrando que a arte é o caminho. A pandemia eu acho que veio para mostrar que é possível sim, é possível transformar a realidade sim. Se a gente não aceita os limites, a arte faz isso, atravessa as paredes, e foi isso que cada artista está propondo aqui, e o público está vindo e está entendendo essa nossa proposta. A gente não aceitar os limites, quaisquer que sejam os limites para a arte. É se exercer, é se representar, é a mulher representar a si mesma e a sua visão de mundo, por tudo o que isso significa. O futuro é feminino. Não adianta, chegou a nossa vez. Acho que as mulheres não têm que pedir mais licença, elas não têm que pedir por reconhecimento. Elas estão na arte contemporânea. E é isso que a gente busca, novas pontes, novos caminhos, é fortalecimento, é uma ponte onde não se caminha sozinha. Essa ponte que a gente

lançou aqui, entre as hermanas, as manas e hermanas, de Buenos Aires e Rio de Janeiro, duas cidades tão próximas geograficamente, no mesmo continente, que são objeto de desejo umas das outras. Rio e Buenos Aires, destino turístico, nem tanto em termos de trocas artísticas, muito pouco foi feito. Então é isso. Ampliar essa ponte. Essa ponte já está sendo ampliada com outros projetos, e o que a gente espera agora é que essa ponte se estenda pela América Latina. Todos são bem-vindos, e acho que o recado que a gente pode dar nesses tempos bicudos, nesses tempos sombrios, é isso. Mãos à obra, mulheres! Seguimos adelante, manas hermanas! “Una(s)+” já está aí para isso.